

Ideologia gerencialista, gerenciamento familiar e a proliferação do ensino de programação para crianças e adolescentes

Jenifer Rosa Arruda¹
Catia Eli Gemelli²
Carmem Ligia Iochins Grisci³

Resumo: Este artigo procurou indagar, a partir da perspectiva da ideologia gerencialista (GAULEJAC, 2007), como o gerenciamento familiar modula a infância de modo a torná-la produtiva. Para tanto, buscou-se a relação entre a ideologia gerencialista, o gerenciamento familiar e a proliferação do ensino de programação para crianças e adolescentes. Realizou-se um estudo exploratório, de natureza qualitativa, objetivando apresentar e analisar a oferta de ensino de programação para crianças e adolescentes e a expectativa dos pais e mães que matricularam seus filhos nestes cursos. À coleta de dados contou-se com *sites* de escolas de cursos de programação para crianças e adolescentes nos municípios de Porto Alegre e Osório (RS); e com entrevistas individuais semiestruturadas com pais e mães cujos respectivos filhos estão matriculados em tais cursos. Procedeu-se à análise de conteúdo (MINAYO et al., 2009). Os resultados, em consonância com a literatura – em especial Gaulejac (2007) –, mostram que elementos da ideologia gerencialista – preocupação com a empregabilidade futura; investimento em conhecimentos considerados profícuos; precaução em ocupar o tempo livre das crianças e adolescentes com atividades consideradas úteis – são contemplados na divulgação e oferta dos cursos de programação das escolas para atender à expectativa dos pais e mães que matricularam seus filhos em tais cursos.

Palavras-chave: Ideologia Gerencialista; Gerenciamento Familiar; Escolas de Programação.

1. Introdução

O Brasil tem, atualmente, uma população de mais de 200 milhões de pessoas. Estima-se que, dentre essas, aproximadamente 13 milhões são crianças entre os cinco e nove anos de idade (IBGE, 2018). Crianças nesta faixa etária, provenientes de famílias de classe média, além de atividades escolares regulares, costumam ter suas agendas preenchidas com múltiplas atividades ofertadas especificamente para sua faixa etária.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professora de Administração no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul/Campus Osório.

³ Doutora em Psicologia e Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pesquisadora CNPq.

Escolas com distintas ofertas – idioma, música, dança, esporte, pintura, teatro, artesanato, culinária, yoga, programação – especificamente dirigidas para crianças, vem se proliferando no país nos últimos anos. Decorre disso o entendimento de que um suposto tempo livre fora da escola venha sendo colonizado por tarefas que visem proporcionar um futuro promissor por meio de desempenho profissional de sucesso (KUNSCH, 2014). Um desempenho que se associa à noção de trabalho imaterial, uma vez que este demanda e depende dos saberes adquiridos e acumulados ao longo da vida (GORZ, 2005; LAZZARATO; NEGRI, 2001).

Além disso, matérias de jornais e revistas de grande circulação fazem proliferar a preocupação das famílias em relação à aquisição de conhecimentos voltados à tecnologia por exemplo, desde a mais tenra infância dos filhos. Tal preocupação se vê acompanhada de uma busca incessante de que os filhos venham a ter garantias de empregabilidade e crescimento futuro. “A linguagem do Futuro”, reportagem do jornal Zero Hora dos dias 18 e 19 de agosto de 2018; e “A Estrada para o Brasil Moderno”, da revista Veja no mês de agosto de 2018, divulgam a questão.

No campo da educação e da psicologia, estudos como os de Kunsch (2014), Assemany (2016) e Santana (2017) verificaram, respectivamente, que pais tendem a preencher o tempo dos filhos com atividades extracurriculares a fim de estimularem o desenvolvimento de suas habilidades vislumbrando um futuro promissor; a superestimulação na infância em razão das expectativas dos pais, calcadas em suas próprias fantasias e desejos, de que os filhos venham a ter um futuro de sucesso; as consequências das pressões e da quantidade de atividades incluídas na rotina das crianças no que diz respeito ao seu desenvolvimento.

Gaulejac (2007, p. 182) já apontara que a família tende a se mostrar “encarregada de fabricar indivíduos produtivos”; gerenciadora do tempo presente dominada por um senso de produtividade e rentabilidade na busca de um futuro promissor; tomada pelo modelo gerencial que a configura como uma pequena empresa a investir “em seus filhos como um capital que convém valorizar, aplicando a lógica de uma gestão de recursos humanos para a educação” (p.184). Em que pesem tais apontamentos, nota-se que, no campo da administração, essas questões a relacionarem trabalho e vida merecem, ainda, mais discussão. Desse modo, com base na ideologia gerencialista a cultivar o desempenho e o resultado também no seio familiar (GAULEJAC, 2007), o presente estudo vem a indagar: como o gerenciamento familiar – na perspectiva da ideologia gerencialista – modula a infância de modo a torná-la produtiva?

A fim de respondê-la, objetivou-se explorar a relação entre a ideologia gerencialista, o gerenciamento familiar e a proliferação do ensino de programação para crianças e adolescentes. Especificamente, buscou-se apresentar e analisar (i) a oferta de ensino de programação para crianças e adolescentes; (ii) a expectativa dos pais que matriculam seus filhos nessas escolas. Relativo ao campo, considerou-se a divulgação e o crescente uso da expressão “pensamento computacional” (MENDES, 2018; STOCK, 2018), e tomou-se escolas de programação dirigidas a crianças a partir dos cinco anos de idade, a anunciarem, além do aprendizado relativo à programação de computadores, o desenvolvimento de diversas habilidades que poderão vir a fazer diferença no mercado de trabalho futuro.

Na sequência encontram-se a fundamentação teórica, o procedimento metodológico, os resultados e análise e, por fim, as considerações finais.

2. Fundamentação teórica

2.1. O Espírito do Capitalismo e o Trabalho Imaterial

Por meio de um quadro histórico relativo às ideologias associadas a atividades econômicas, Boltanski e Chiapello (2009) ofereceram uma interpretação das mudanças ideológicas que acompanharam as recentes transformações do capitalismo. Como caracterização do termo capitalismo, os autores utilizam um preceito que enfatiza “a exigência de acumulação ilimitada do capital por meios formalmente pacíficos” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 35), a indicarem uma certa submissão voluntária. Os autores denominam de espírito do capitalismo a ideologia que justifica o engajamento no sistema econômico, bem como sua existência e manutenção.

Três momentos ou etapas do espírito do capitalismo foram identificadas por Boltanski e Chiapello (2009). No primeiro espírito destacaram-se apreciação da moral de poupança, valores de autocontrole, comedimento, restrição, labor, regularidade, perseverança e estabilidade. No segundo, separação entre vida privada e profissional, entre opiniões pessoais e competências profissionais. No terceiro espírito do capitalismo destacou-se uma mudança tanto na relação com o dinheiro e com o trabalho, quanto na relação do sujeito consigo mesmo. O tempo passou a ser administrado no sentido de sua dedicação ao estabelecimento de relações com outros, conexões lucrativas, elos improváveis (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

Sennett (2006), por sua vez, nomeia o capitalismo contemporâneo como Novo Capitalismo, e batiza de apóstolos os seus difusores que argumentam que as mudanças estruturais e culturais provocadas no âmbito do trabalho e do consumo resultaram em maior liberdade para a sociedade moderna. Para Sennett (1999; 2006), as instituições, as capacitações e os padrões de consumo mudaram, de fato, mas não libertaram as pessoas.

Entre as mudanças culturais e estruturais provocadas pelo Novo Capitalismo estão o declínio do emprego vitalício e a gestão das grandes instituições como o sistema de previdência e as escolas como se fossem empresas (SENNETT, 2006). No que se refere a escolas, Silva e Costa (2016) argumentam no sentido da existência de um movimento de empresariamento da educação que transforma os indivíduos em microempresas, de modo a eles próprios produzirem, acumularem e aperfeiçoarem seus respectivos capitais humanos. A formação passa, assim, a ser vista como um investimento para aumentar as chances de sucesso na acirrada competição por oportunidades e empregos que vigora no mercado. A exclusão ou inclusão social do sujeito passa a ser definida por essa concorrência, por isso a necessidade de preparar-se para ela.

Nesta perspectiva, Gorz (2005, p. 26) destaca que “a produção de si obrigatória se torna um ‘job’ como qualquer outro”. Tal produção se apresenta como uma dimensão essencial ao trabalho imaterial que consome as disposições pessoais relativas ao percurso de uma vida, para além do tempo de trabalho, e tem no conhecimento a força produtiva preponderante (GORZ, 2005). Em concordância, Camargo (2011, p.43) diz que “o saber

tornado força produtiva principal manifesta-se como algo que não pode ser mensurado e, mais do que isso, ele é apreensível na dimensão da vida cotidiana, nas horas diárias de não trabalho, no tempo livre, tornando-se este produtor de valor-conhecimento”. Dessa forma, características pessoais são moldadas e organizadas em prol do trabalho e o seu desenvolvimento social torna-se a base fundamental que sustenta a produção e a riqueza (LAZZARATTO; NEGRI, 2001).

Outra característica relativa ao Novo Capitalismo é a disseminação da cultura do empreendedorismo nos processos de educação/formação e, conseqüentemente, o desenvolvimento de toda uma nova *expertise* característica do campo do *management*. (SILVA; COSTA, 2016). Para Gadelha (2017), no que se refere às organizações educacionais, em praticamente tudo/todas detectaremos a presença do *management*, da publicidade, do marketing e do *branding*, nos sugerindo agressivamente maneiras de ser, ver, estar e viver no mundo.

Nesse contexto de transformações, justificações e propagação da lógica capitalista nota-se que as organizações, independentemente de sua natureza, tendem a reproduzir em suas práticas discursivas os mesmos fundamentos. Esse movimento se dá pela disseminação de uma ideologia que serve aos interesses capitalistas, como se verá a seguir.

2.2 Ideologia gerencialista

As ideias de Boltanski e Chiapello (2009) sustentam a reflexão de que uma nova ideologia perpassa as diversas esferas da vida no Novo Capitalismo, estando ancoradas nos preceitos da gestão. Para Gaulejac (2007) a gestão é, definitivamente, um sistema de organização do poder, é, portanto, ideológica. “Designar esse caráter ideológico é mostrar que, por trás dos instrumentos, dos procedimentos, dos dispositivos de informação e de comunicação atuam uma certa visão de mundo e um sistema de crenças” (GAULEJAC, 2007, p. 69).

No que se refere ao conceito de ideologia, sua definição clássica não se restringe à noção de discurso interessado ou à produção de resultados persuasivos, mas se estende aos processos pelos quais os interesses de certos grupos são universalizados, naturalizados, racionalizados e legitimados em prol de certos modos de poder. As ideologias podem, então, ser vistas como uma forma de guiar comportamentos e ações no contexto social (ONUMA, 2015).

A ideologia gerencial é um modelo de pensamento que propaga uma ordem de dominação de um sistema econômico que legitima o lucro como finalidade. A sociedade gerencial, por sua vez, nada mais é do que um sistema que tem, no centro, o universo econômico, social e cultural ditado pela empresa. A empresa e suas necessidades começam a ditar as prioridades, os valores e as imagens ideais da nova subjetividade da classe média (GAULEJAC, 2007).

A gestão gerencialista diz respeito a um modo de relação do indivíduo com o mundo e consigo mesmo que busca racionalizar e otimizar o tempo, o corpo, a mente, a subjetividade, de modo a tornar a vida, em qualquer estágio, mais rentável, mais útil e competitiva na

perspectiva da empregabilidade. Já não se trata de uma empresa disciplinar, mas de um modelo gestor flexível que pretende seduzir os indivíduos, orientando-os para a capitalização das empresas (GAULEJAC, 2007).

Em contexto de propagação da ideologia gerencialista e profusão do empresariamento nas instituições sociais, a religião, a educação, a política, a família vem sendo pensadas e influenciadas para atenderem aos requisitos do mercado. Nesta conjuntura, percebem-se manifestações relativas ao papel dos pais na dinâmica familiar, naquilo que Gaulejac (2007) denomina gerenciamento familiar.

2.3 Gerenciamento familiar

A gestão passa a ser uma representação do mundo, difusa em uma ideologia que legitima a mercantilização do humano, transformando-o em um capital que convém tornar produtivo. Ela não se limita ao tempo presente, se estende em termos de tempo-espço e fases da vida, alcançando o indivíduo desde a sua infância. Com o desenvolvimento do capitalismo, as premissas do gerencialismo passam a vigorar também no contexto familiar.

Na ideologia gerencialista a família é percebida como uma pequena empresa que deve bem desempenhar-se naquilo que constitui seu principal objetivo: “fabricar um indivíduo empregável” (GAULEJAC, 2009, p.185). Em razão disto, caberia aos pais somarem esforços e mobilizarem seus capitais econômicos, cognitivos, relacionais e culturais investindo-os no que o autor considera ser uma empresa familiar. Em relação à educação dos filhos, os pais buscam a formação de um indivíduo com alto potencial de empregabilidade. “A educação torna-se uma avaliação das capacidades da criança nos planos físico, intelectual ou psíquico”, afirma Gaulejac (2009, p.186).

Uma vez que os pais busquem tornar produtivo cada momento livre dos filhos, a vida destina-se a gerenciar a empregabilidade. “Desde o início da escola, tudo deve ser posto a serviço da formação de trabalhadores empregáveis”, critica Gaulejac (2009, p. 188).

Uma solução pessoal para evitar que os filhos revivam o fantasma da inutilidade em relação à empregabilidade se configurou desde a Grande Depressão vivenciada pela classe média estadunidense. Essa solução adveio das próprias famílias: “uma educação e uma capacitação especialmente capazes de fazer com que os jovens fossem sempre necessários ao sistema, e desta forma estivessem sempre empregados” (SENNETT, 2006, p. 82). Considera-se que tal perspectiva se intensificou nos tempos atuais.

3. Procedimento metodológico

Realizou-se um estudo exploratório, de natureza qualitativa, objetivando explorar a relação entre a ideologia gerencialista, o gerenciamento familiar e a proliferação do ensino de programação para crianças e adolescentes. A escolha mostrou-se pertinente, uma vez que o objeto de estudo e análise, tomado em sua peculiaridade temporal e local (FLICK, 2004), ainda carece de sistematização.

Como primeira etapa do estudo, a fim de apurar a oferta de ensino de programação para crianças e adolescentes, realizou-se um levantamento no *site* de busca Google. Foram selecionadas as escolas que surgiram nas duas primeiras páginas da pesquisa orgânica do Google ao pesquisar “escola de programação de computadores Porto Alegre (Osório)”, “escola infantil de programação de computadores Porto Alegre (Osório)”, “escola de programação de computadores para crianças e adolescentes Porto Alegre (Osório)”. A pesquisa no *site* de busca voltou-se para as cidades de Porto Alegre e Osório, pois inicialmente, a partir de utilização de redes sociais – grupos de whatsapp e facebook – estabeleceu-se uma via de acesso aos participantes da segunda etapa deste estudo. Diante disto, por ter essa via estabelecida, procedeu-se a identificação das escolas que oferecem cursos de programação de computadores para crianças e adolescentes localizadas na cidade de Porto Alegre (RS) e de Osório (RS). Foram identificadas nove escolas que ofertam esse tipo de curso na cidade de Porto Alegre e apenas uma escola na cidade de Osório. Os dados relativos à divulgação da oferta dos cursos disponíveis em seus sítios eletrônicos foram coletados para análise.

Como segunda etapa do estudo, com o intuito de verificar e analisar a expectativa dos pais que matricularam seus filhos nessas escolas, foram realizadas oito entrevistas individuais semiestruturadas, com duração média de 30 minutos cada uma. À entrevista, considerou-se aspectos como: acesso a informações relativas ao curso de programação; motivações para matricular o(a) filho(a) no curso; outras atividades extracurriculares realizadas pelo(a) filho(a); expectativas em relação ao futuro profissional do(a) filho(a); e percepções suas e expressadas pelo filho(a) sobre o curso.

A Tabela 1 apresenta a caracterização dos(as) entrevistados (as):

Tabela 1. Caracterização dos pais e das mães entrevistados(as).

Familiar	Profissão	Nível de Formação	Idade	Cidade	Filho(a) - Sexo e Idade	Escola Regular	Tempo de matrícula
1. Mãe	Professora (Federal)	Doutorado	40a	Osório	M/08a M/10a	Privada Privada	03 meses 03 meses
2. Mãe	Servidora Pública	Graduação	39a	Osório	M/10a	Pública	03 meses
3. Pai	Engenheiro Aposentado	Graduação	66a	Porto Alegre	M/08a	Privada	02 semanas
4. Mãe	Dona de Casa	Graduação	38a	Osório	F/09a	Privada	06 meses
5. Mãe	Dona de Casa	Especialização	34a	Porto Alegre	M/13a	Privada	05 meses
6. Mãe	Dona de Casa	Graduação	44a	Porto Alegre	M/12a	Privada	05 meses
7. Pai	Empresário	Graduação	48a	Porto Alegre	M/10a	Privada	03 meses
8. Mãe	Técnica de Enfermagem	Ensino Médio/Técnico	33a	Osório	M/09a	Pública	05 meses

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das entrevistas.

Analisou-se o conteúdo das entrevistas realizadas com os pais, e o conteúdo disponibilizado nos *sites* das escolas à luz das orientações de Minayo et al. (2009). Deste modo, realizou-se: a) organização do material, decompondo-o em partes; b) distribuição das partes em categorias *a priori* – oferta de ensino de programação para crianças e adolescentes; expectativa dos pais e mães que matriculam seus filhos em escolas de programação; c) descrição do resultado da categorização; d) realização das inferências dos resultados a partir do suporte teórico adotado.

Por fim, os textos de divulgação dos cursos de programação coletados dos *sites* das escolas, bem como as respostas ao estímulo: “com que objetivo matriculou seu filho ou filha no curso de programação?” apresentado na entrevista aos pais, foram analisadas no software NVivo. Além da finalidade básica de facilitar e agilizar as análises, o NVivo tem a função tanto de validar como de gerar confiança, qualificando o material coletado (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2009). A partir do software, além das análises de inferências das mensagens, gerou-se um mapa de frequência de palavras.

4. Resultados e análise

4.1 A oferta de ensino de programação para crianças e adolescentes

O levantamento por meio da pesquisa no Google apresentou nove escolas de programação na cidade de Porto Alegre, destas, seis oferecem cursos voltados exclusivamente para crianças e adolescentes. Na cidade de Osório há apenas uma escola de idiomas que passou a oferecer também o curso de programação para crianças e adolescentes no ano de 2018.

Os principais termos abordados nos cursos, conforme divulgação das próprias escolas, são: *design thinking*; matemática; resolução de problemas; raciocínio lógico; banco de dados; edição de vídeos; robótica; modelagem 3D; games; lógica de programação em diversas linguagens; estruturas de decisão; e eletrônica. Além disso, uma das escolas oferece como opção para as férias escolares de inverno o curso de Youtuber voltado ao público infantil e adolescente (entre 8 e 17 anos de idade). Seu conteúdo programático envolve: como criar um canal desde a ideia inicial; ferramentas do Youtube; técnicas de gravação; edição de vídeos; roteiros e direitos autorais; como criar vinhetas; como corrigir erros de gravação; e técnicas de captura de tela e sonorização.

O Youtube, além de uma nova mídia, é considerado como um novo modelo de negócio (BURGUESS; GRENN, 2009). Em estudo recente, as autoras Leão e Pressler (2017) identificaram uma proliferação de canais infantis, sendo divulgados pelos chamados Youtubers Mirins, ou seja, crianças que têm o próprio canal do Youtube e se envolvem, narram e comunicam suas experiências culturais e de consumo.

Na divulgação dos cursos em seus sítios eletrônicos, as escolas destacam que, no futuro, aprender a programar será tão importante como é hoje o conhecimento de um segundo

idioma. A sociedade atual é nomeada como “sociedade digital”, e o tempo que está por vir é o “futuro digital” ou a “era da tecnologia”. Percebe-se nesse discurso que a ideologia gerencialista não se limita ao tempo presente, se estende em termos de tempo, espaço e fases da vida, alcançando o indivíduo desde a sua infância, com o discurso de possibilidades sobre o seu futuro.

Os cursos são oferecidos como uma oportunidade para que as crianças e adolescentes aprendam conhecimentos denominados como produtivos, e que são valorizados pelo mercado de trabalho, sempre com a ênfase de que aprenderão tudo isso “enquanto brincam”. Sennett (2006) e Gaulejac (2007) apontaram que, na sociedade gerencialista, a vida torna-se destinada a gerenciar a empregabilidade e, sendo assim, os pais buscam tornar cada momento livre dos seus filhos mais produtivo.

O aspecto da empregabilidade também é frisado com a afirmação de que, independentemente da carreira profissional que a criança escolher seguir, um curso de programação fará com que tenha uma maior desenvoltura no mercado de trabalho futuro. Na sociedade gerencialista, a principal tarefa dos pais torna-se a de fabricar um indivíduo com alto potencial de empregabilidade. Entendendo que a avaliação das capacidades da criança transcendem os aspectos físicos, alcançando também os intelectuais e psíquicos, esses pais investem constantemente em uma educação que os desenvolva (GAULEJAC, 2007).

Os textos de divulgação das escolas foram coletados e analisados no NVivo por frequência de termos, dando origem ao mapa de palavras a seguir:



Figura 1. Mapa de frequência de palavras - divulgação das escolas.
Fonte: Elaborada pelas autoras com o software NVivo

Os textos de divulgação dos cursos de programação infantil, coletados nos *sites* das escolas, apresentam os pais como o público-alvo. O mapa de frequência de palavras mostra que o termo “conhecimento” se destaca, seguido por “tecnologia” e “futuro”. As palavras “criatividade”, “habilidades”, “aprendizado” e “competências” indicam os resultados que são oferecidos pelos cursos, e “trabalho” aparece como o contexto em que esses conhecimentos, ressaltados como úteis, serão aplicados. Em seus discursos, as escolas propagam a

necessidade de aquisição de conhecimentos ligados à tecnologia como garantia para melhores perspectivas de um futuro, sempre relacionando-os a trabalho.

4.2 A expectativa dos pais e mães que matriculam seus filhos em escolas de programação

Na caracterização dos(as) entrevistado(as) e de seus respectivos filhos(as), alguns aspectos se evidenciam: as mães constituem a maior parte dos entrevistados; apenas uma mãe, do total de entrevistados, não tem graduação. Dentre os nove filhos matriculados, apenas dois estudam em escola pública, e há apenas uma do sexo feminino. Ademais, além do curso de programação, todos os nove filhos cursam inglês e outras atividades extracurriculares, principalmente ligadas ao esporte.

O fato de que todas as crianças realizam curso de inglês e outras atividades extracurriculares indica a preocupação das famílias em oferecer a seus filhos oportunidades variadas que, para Gaulejac (2009, p. 184), servem para “se distraírem utilmente”. Agendas lotadas, como complemento a atividades escolares, visam garantir aos filhos oportunidades de futuro.

Pais e mães destacam que o interesse em participar dos cursos partiu, principalmente, de seus filhos que, inclusive, sugeriram a matrícula. Mesmo nos dois casos em que a matrícula foi sugestão dos pais, a animação dos(as) filhos(as) em participarem foi ressaltada como um dos fatores determinantes à matrícula:

Primeiro a vontade deles, porque eles queriam muito. (Mãe 1)

Olha, na verdade, a vontade dele né?! Eu acho que primeiro é a felicidade dele, né!
(Pai 7)

Uma das mães salienta que o curso de programação é a única atividade extracurricular ligada ao ensino que seu filho manifestou grande interesse em realizar:

A vontade dele, porque era uma coisa do interesse dele. O inglês foi imposto para o meu filho. Eu disse para ele: tu tem duas obrigações, tu tem que ir para a escola... eu disse: olha, no nosso país filho, o estudo é essencial para a vida” (Mãe 2)

A preocupação da mãe em fazer com que seu filho entenda a importância das atividades extracurriculares de formação para o seu futuro, relaciona-se diretamente com o modelo de gestão familiar observado por Gaulejac (2009). Trata-se de um acompanhamento sistemático, fundado sobre um diálogo confiante, cujo objetivo principal é suscitar a motivação e favorecer a adesão. O gerenciamento familiar da carreira dos filhos promove o discurso da escola como um investimento para o futuro.

A familiaridade das crianças e adolescentes com a tecnologia, e o quanto a tecnologia está inserida na vida e no trabalho também é outro fator apontado pelos pais como influenciador no interesse pelo curso de programação.

Aí o interesse dele é por causa dos games né, não tem. Hoje em dia é videogame o tempo inteiro no celular (Mãe 5).

Ele está se interessando bastante pela área da computação e como a tecnologia está em tudo, em qualquer lugar que tu vai tem computação... ele está se mostrando bem interessado (Mãe 8).

Da mesma forma que indivíduos e corporações, os empregos também começaram a cruzar as fronteiras rapidamente, em um movimento impulsionado pela alta tecnologia (SENNETT, 2006).

Pais e mães expõem sua percepção de que a sociedade está mudando muito rápido, principalmente no que se refere ao mundo do trabalho. Diante disto, preocupam-se com a necessidade de uma formação constante para a garantia de futuro dos filhos, conforme exemplifica a mãe 2.

[...] hoje em dia a gente vê mudança muito grande em todas as profissões e agora o que eu percebo em termos de profissões é que o que ele vai ter que fazer se ele quiser ser um profissional bem-sucedido é estar estudando sempre. Não dá para parar! (Mãe 2)

Em uma sociedade com exacerbada demanda por capacitações, os sujeitos investem permanentemente em suas formações, sob a ameaça de serem envolvidos pelo “fantasma da inutilidade”. Deles é esperado que sejam úteis e ofereçam continuamente sua contribuição à sociedade. A sensação de que é preciso mover-se, e continuamente aprender algo novo e inovar, para se manter competitivo toma a todos. Sob as condições do capitalismo flexível, capacitar-se constantemente torna-se obrigação (GAULEJAC, 2009; SENNETT, 1999; 2006).

[...] eu acompanho bastante essas feiras de profissões e o pessoal fala muito que muitas profissões daqui a um tempo já não vão existir mais, né! E não sabem assim que caminho vai tomar. Pela informática, pela automação né, inteligência artificial [...] então, essas coisas assim que eu fico com medo do que vai ser o futuro. (Pai 3)

Essa insegurança em relação à atualidade das profissões relatada pelo pai 3 é um resultado do que Sennett (2006, p. 91) nomeia como “extinção das capacitações”. Ela se refere à diminuição do tempo durante o qual uma capacitação permanece útil. Para o autor, no Novo Capitalismo, quando adquirimos uma capacitação, não significa que dispomos de um bem durável.

Em contexto de alta mutabilidade e concorrência, pais e mães entendem que investir na educação de seus filhos, por meio de atividades extracurriculares, é fundamental para a garantia de sua empregabilidade futura:

É para isso, para a carreira dele no futuro. E, é como eu disse, vai ajudar na faculdade, vai ajudar na vida dele, na profissão, porque é geração do futuro, né? (Mãe 6)

Eu acho que isso é uma ferramenta importante para o futuro dele em termos profissionais. (Mãe 2)

A formação passa a ser vista como um investimento a fim de aumentar as chances na acirrada competição que vigora no mercado por empregos e oportunidades. Uma concorrência que poderá definir a exclusão ou inclusão social do sujeito, por isso a necessidade de preparar-se para ela (SENNETT, 1999; 2006; SILVA, COSTA, 2016).

Mas além do contexto de formação profissional, pais e mães esperam também que o curso contribua para diversos outros aspectos da vida de seus filhos:

Acho que é mais para a vida. Uma experiência que ela vai ter, um extra que ela vai ter para a vida dela. (Mãe 4)

É que eu acho que o mundo, hoje, ele é digital e eu acho que isso vai poder ajudar eles muito na vida deles, além de que a programação ela desenvolve o raciocínio lógico. (Mãe 1)

Alguns aspectos dizem, inclusive, dos modos de ser:

Eu acho que com essa vivência assim de programação [...] ele deu um salto no colégio esse ano, porque ele tem que está muito mais focado. Então, assim eu observei assim que ele está mais atento, observador, ele está questionando muito mais. (Mãe 5)

Eu acho que o curso instiga eles. Ele oferece muitos desafios e coisas que eles não imaginam. (Mãe 1)

Quanto à reação dos filhos com as aulas, observam entusiasmo e empolgação:

Ela está gostando, ela está motivada, vai motivada, volta motivada, está fazendo as atividades. A gente vê que ela tá aprendendo, faz sozinha os programinhas. Vai feliz volta feliz. (Mãe 4)

Ah eu pergunto como é que foi a aulinha e ele diz que é bem interessante, que está gostando. Eles gostam de computador, né! Tudo que mexe com computador eles gostam. Acho que ele está se dedicando bastante, está aprendendo. (Mãe 8)

No que se refere ao que esperam do futuro profissional dos filhos, os pais e mães destacam o desejo de que encontrem profissões que sejam de suas escolhas e que se realizem nelas:

O que eu deixo bem claro para ele e ele parece entender são duas coisas: primeiro ele vai precisar se esforçar muito para ter um trabalho bom, segundo ele vai precisar se esforçar muito mais para ter um trabalho bom e que ele goste, para poder trabalhar em uma profissão que ele se realize. (Mãe 2)

Que ela escolha o que ela quiser ser. Que ela tenha a chance de ser o que quiser, de escolher a profissão que quiser, que a gente vai dar todo o apoio. (Mãe 4)

Frente ao estímulo: “com que objetivo matriculou seu filho ou filha no curso de programação?”, pais e mães ofereceram respostas que passaram por uma categorização no Nvivo. A partir da análise por frequência, gerou-se o mapa de palavras a seguir:



Figura 2. Mapa de frequência de palavras - Objetivo da matrícula.
Fonte: Elaborada pelas autoras com o software Nvivo

O termo com mais destaque nas respostas de pais e mães é o “gostar”. Indica-se, assim, que, ao matricularem seus filhos nos cursos de programação, pais e mães se disseram motivados, principalmente, pelo interesse das próprias crianças e adolescentes. Além da preocupação com os resultados oferecidos pelo curso, pais e mães disseram ter levado em conta o gosto de seus filhos pela atividade. Diante da grande disponibilidade de atividades extracurriculares que são oferecidas pelo mercado, os cursos de programação têm sido uma escolha do próprio público infantil. A proximidade com o meio digital, especialmente por causa do seu contato com os games, parece tornar tais cursos atrativos para crianças e adolescentes.

Destacam-se também os termos “conhecimentos”, “futuro” e “vida”. A preocupação em oferecer aos filhos oportunidades que garantam melhores perspectivas no futuro mostrou-se presente. Além disso, pais e mães consideram que o curso de programação desenvolve conhecimentos que serão utilizados pelos filhos e filhas em diversos aspectos da vida, não apenas no mundo do trabalho.

5. Considerações Finais

O presente estudo se propôs a indagar como o gerenciamento familiar – na perspectiva da ideologia gerencialista – modula a infância de modo a torná-la produtiva. A partir do principal suporte teórico utilizado (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2009; GAULEJAC, 2007; SENNETT, 1999; 2006), percebeu-se que, na realidade estudada, o gerenciamento familiar se configura através da preocupação dos pais em garantir a educação dos filhos com o investimento em atividades extracurriculares que, além de tornar o tempo livre produtivo, sejam também voltadas para garantir-lhes um futuro promissor.

As crianças e adolescentes estão imbuídas em diferentes atividades que possam desenvolver-lhes habilidades, capacidades e conhecimentos que contribuam para todos os aspectos da sua vida futura. Percebe-se o seio familiar guiado pela ideologia gerencialista que fomenta práticas similares à gestão de pessoas de uma empresa, visando maximizar possibilidades de retorno. Nesta perspectiva, a oferta de ensino de programação para crianças e adolescentes se apresenta como oportunidade de investimento para o futuro. Escolas de programação dirigidas a crianças a partir dos cinco anos de idade divulgam seus cursos explorando a ideia de que é necessário tornar o tempo produtivo; de que se aprende brincando; de que o futuro se associa a tecnologia e ao pensamento computacional, tomados como diferenciais a serem cultuados; de que a empregabilidade futura dependerá da aquisição de conhecimentos e do desenvolvimento de habilidades e capacidades que proporcionem uma maior desenvoltura no mercado de trabalho.

O apelo utilizado pelas escolas à divulgação de seus cursos é permeado de elementos que constituem a ideologia gerencialista e o gerenciamento familiar – rentabilidade, utilidade, e competitividade –, conforme proposto por Gaulejac (2007). Tais elementos também puderam ser percebidos em relação à expectativa de pais e mães que matriculam seus filhos nessas escolas. Quanto a essas expectativas, destacam-se a importância dada à educação para o futuro dos filhos, como meio de obter melhores oportunidades; a aquisição de conhecimentos e formação constante para a manutenção da competitividade tendo em vista as rápidas mudanças no mundo do trabalho e nas profissões até mesmo ainda (in)existentes; e o investimento no curso de programação e em outras atividades extracurriculares, como forma para distinção entre a concorrência e garantir a empregabilidade no futuro. Além disso, pais e mães também esperam que o conhecimento proveniente do curso de programação se estenda para diferentes aspectos da vida dos filhos e filhas não apenas aos relacionados ao âmbito profissional.

Como uma limitação da pesquisa, observa-se que as escolas de programação são recentes nas cidades estudadas e, diante disto, o tempo de matrícula dos alunos cujos pais e mãe entrevistaram-se também é pequeno. Assim sendo, os efeitos dos cursos sobre os filhos ainda não podem ser observados com profundidade por parte dos pais.

Por fim, sugere-se como possibilidade para futuras pesquisas, além da abrangência de outras cidades que possuam escolas de programação voltadas para crianças e adolescentes a mais tempo consolidadas, estudos que venham a explorar o gerenciamento familiar visando a compreensão dos seus efeitos a longo prazo considerando as reais influências no futuro profissional.

Referências

ASSEMANY, N. M. Superestimulação na infância: uma questão contemporânea. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v 38, n. 34, jan./jun. 2016. p. 231-243.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

- BURUESS, J.; GREEN, J. **Youtube e a revolução Digital**: Como o maior fenômeno da cultura participante transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.
- CAMARGO, S. Considerações sobre o conceito de trabalho imaterial. **Pensamento Plural**, n. 9, p. 37-56, ju./dez. 2011.
- COSTA, S. G.; MOTA, T. A avaliação educacional como tecnologia de controle no capitalismo neoliberal. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 814-839, set./dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2016v34n3p814>.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GADELHA, S. Desempenho, gestão, visibilidade, e tecnologias como vetores estratégicos de regulação e controle de condutas na contemporaneidade. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 66, p. 113-139, out./dez. 2017. DOI: 10.1590/0104-4060.54712.
- GAULEJAC, V. D. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2007.
- GORZ, A. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.
- KUNSCH, C. K. Excesso de atividades, consumo e superproteção: possíveis fatores de tédio em crianças. **Revista Veras**, v. 4, n. 1, p. 99-115, Jan/Jun. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.14212/veras.vol4.n1.ano2014.art157>.
- LAZZARATTO, M.; NEGRI, A. **Trabalho Imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LEAO, D.; PRESSLER, N. Youtuber mirim e o consumo infantil. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais... 40º INTERCOM**, Curitiba/PR, setembro/2017.
- MENDES, L. A linguagem do Futuro. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 e 19 ago. 2018. Caderno Vida, p. 4-5.
- MINAYO, M. C. De S. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- MOZZATO, A. R. GRZYBOVSKI, D. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **RAE**, Curitiba. Jul./Ago, 2009.
- SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SENNETT, R. **O novo espírito do capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- STOCK, A. Linguagens de programação para crianças: como ajudar seus filhos a escapar do analfabetismo do futuro. **BBC Brasil**, Rio de Janeiro, 5 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-42145774>> Acesso em: 20 ago. 2018.

ONUMA, F.; ZWICK, E.; BRITO, J. M. Ideologia gerencialista, poder e gestão de pessoas na Administração Pública e Privada: uma interpretação sob a ótica da Análise Crítica do Discurso. **Revista de Ciências da Administração**, v. 17, n. 42, ago. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2015v17n42p106>.

VEJA. São Paulo: Ed. 2596, n. 34, 22 ago. 2018.